

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES ACERCA DAS PRÁTICAS DE DOCENTES¹

Jaqueline dos Santos Oliveira²

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desenvolvido no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês – Bahia. A pesquisa teve como objetivo investigar os instrumentos de avaliação da aprendizagem utilizados pelas docentes em escolas de Educação Infantil da rede pública de ensino do município de Santo Amaro - Ba. Participaram do estudo 5 (cinco) docentes, sendo 2 (duas) de uma escola e 3 (três) de outra. A pesquisa de natureza qualitativa, utilizou o questionário como técnica de coleta de dados. As docentes mostraram que compreendem a importância da avaliação na Educação Infantil, reconhecendo-a como prática contínua que objetiva diagnosticar os alcances, dificuldades e necessidades dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem. As professoras também sinalizaram que diversificam os instrumentos avaliativos, utilizando jogos, as produções livres das crianças, portfólios e registros de observação. Entretanto, enfrentam desafios, como turmas superlotadas, crianças com baixa frequência às aulas, o pouco envolvimento das famílias na vida escolar. Dessa forma, espera-se que esse trabalho, de caráter exploratório, possa contribuir com o debate sobre práticas avaliativas na Educação Infantil.

Palavras-chave: avaliação educacional; educação infantil - Santo Amaro (BA); professores de educação infantil.

ABSTRACT

This article presents the results of a Final Course Project (TCC) developed in the Pedagogy degree program at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB), Campus dos Malês – Bahia. The research aimed to investigate the learning assessment instruments used by teachers in Early Childhood Education schools in the public school system of the municipality of Santo Amaro - Bahia. Five teachers participated in the study, two from one school and three from another. The qualitative research used a questionnaire as a data collection technique. The teachers showed that they understand the importance of assessment in Early Childhood Education, recognizing it as a continuous practice that aims to diagnose the achievements, difficulties, and needs of students in the teaching and learning process. The teachers also indicated that they diversify assessment instruments, using games, children's free productions, portfolios, and observation records. However, they face challenges such as overcrowded classrooms, children with low attendance, and the low involvement of families in school life. In this way, it is hoped that this exploratory work can contribute to the debate on assessment practices in Early Childhood Education.

Keywords: educational assessment; early childhood education - Santo Amaro (BA); early childhood education teachers.

1 Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campos dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Andréia Cardoso Silveira.

² Graduanda na Licenciatura em Pedagogia pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

A avaliação se faz presente em toda ação escolar, se constituindo em uma atividade essencial para a qualidade do processo de ensino e aprendizagem. Para além de verificar resultados, permite acompanhar o desenvolvimento dos estudantes, identificar suas necessidades, potencialidades e orientar intervenções pedagógicas. Em especial, na Educação Infantil, a avaliação assume um caráter diagnóstico e formativo, voltado ao acompanhamento da evolução da criança no que se refere aos aspectos cognitivos, afetivos e motores. Sobre isso, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/96, art. 31), a avaliação nessa etapa não deve ter fins classificatórios, mas de priorizar a observação do processo de aprendizagem e a escuta atenta das crianças. Dessa forma, diferentes instrumentos podem ser utilizados pelos professores, como registros de observação, portfólios, jogos e atividades lúdicas, que possibilitem um olhar sensível e individualizado sobre o progresso de cada criança.

Nessa direção, apresenta-se o presente artigo que tem como objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, desenvolvida no Curso de Pedagogia - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, e que teve como **objetivo geral**: investigar os instrumentos de avaliação da aprendizagem utilizados pelas docentes em escolas de Educação Infantil da rede pública de ensino do município de Santo Amaro-Ba. Para o alcance do mesmo, foram definidos os seguintes **objetivos específicos**: **1.** Identificar as concepções de avaliação das docentes; **2.** Levantar os principais instrumentos de avaliação da aprendizagem utilizados pelas docentes; **3.** Averiguar o processo de escolha e utilização dos instrumentos de avaliação da aprendizagem pelas docentes.

O interesse por este tema surgiu nas aulas do componente curricular “Avaliação Educacional e da Aprendizagem nos Países da Integração”, no curso de Licenciatura em Pedagogia da Unilab. Ao longo da minha trajetória escolar sempre associei o tema avaliação à nota e a classificação escolar. No entanto, a referida disciplina me possibilitou enxergar a avaliação sob uma perspectiva inclusiva e comprometida com a qualidade do processo de ensino e aprendizagem. Diante disso, comecei a questionar sobre como tem sido os processos avaliativos na Educação Infantil, haja vista que percebo, a partir de experiências acadêmicas, que parte dos docentes que atua nessa etapa de ensino, desenvolve práticas avaliativas classificatórias, utilizando principalmente o instrumento prova como ferramenta diagnóstica.

Na Educação Infantil é preciso adotar métodos e instrumentos adequados à essa etapa de ensino, respeitando o tempo, o ritmo e as singularidades de cada criança. Avaliar exige sensibilidade e atenção individualizada, considerando a criança como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Como destaca Hoffmann (2005, p. 1), o papel do avaliador é “conhecer, compreender, acolher os alunos em suas diferenças e estratégias próprias de aprendizagem para planejar e ajustar ações pedagógicas favorecedoras a cada um e ao grupo como um todo.”

Nesse contexto, essa pesquisa, de natureza qualitativa, foi desenvolvida através da técnica de questionário, composta por questões abertas e fechadas, aplicadas as 5 (cinco) professoras que atuam em duas escolas de Educação Infantil.

O artigo está organizado em cinco seções, incluindo esta introdução. A segunda apresenta o referencial teórico sobre práticas de avaliação na Educação Infantil. A terceira seção descreve a metodologia da pesquisa. Na quarta seção, são analisados os resultados obtidos na coleta de dados. Por fim, a quinta seção, apresentam-se as considerações finais.

2 A INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Escrever sobre o que é infância não é uma atividade simples, pois não se trata de um conceito homogêneo, mas de um termo de construção histórica que se transformou ao longo do tempo. Em períodos anteriores, a infância não era vista como uma fase com necessidades e características próprias, sendo muitas vezes negligenciada pelas estruturas sociais. Foi a partir de estudos na área da sociologia que a infância passou a ser compreendida em suas verdadeiras especificidades, reconhecendo-se sua importância como etapa fundamental do desenvolvimento humano. Antes de aprofundarmos essa discussão, é necessário destacar que o conceito de infância se diferencia do conceito de criança, como argumenta Lucimary Andrade, apontando que infância se refere a um fenômeno social e histórico, enquanto criança é o sujeito inserido nesse contexto:

A sociologia da Infância costuma fazer, contra a orientação aglutinante do senso comum, uma distinção semântica e conceptual entre infância, para significar a categoria social do tipo geracional, e criança, referente ao sujeito concreto que integra essa categoria geracional e que, na sua existência, para além de pertença de um grupo etário próprio, é sempre um ator social que pertence a uma classe social, a um gênero, a um grupo racial etc. (Andrade, 2010, p. 52)

De maneira complementar Kramer (2003 *apud* Andrade, 2010, p. 51) destaca sobre a infância:

Sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças; corresponde, na verdade, à consciência da particularidade infantil, ou seja, aquilo que a distingue do adulto e faz com que ela seja considerada como um adulto em potencial, dotada de capacidade e de desenvolvimento.

Dessa forma, o conceito de infância foi sendo construído historicamente, modificando-se ao longo dos séculos. Os estudos mostram que desde a antiguidade, as mulheres e crianças eram vistas como seres inferiores, sem o devido reconhecimento de suas particularidades. Foi apenas na Idade Moderna que começou a surgir um “sentimento de infância”, acompanhado de uma maior preocupação com a educação escolar, levando-se em conta a faixa etária e o modo como a criança se comporta no meio social em que está inserida. Como afirma Fabiana Gelard, esse processo marcou uma mudança significativa na forma como a infância passou a ser percebida e tratada pela sociedade:

A partir da década de 1990, do século XX [...] a infância passou a ter relevância social, sendo entendida como uma categoria autônoma, analisável em suas relações com a ação e a estrutura social. [...] Estudiosos vinculados à essa área de conhecimento tecem argumentos contrários à visão da criança como miniatura de adultos, considerando-a um ser humano de pouca idade, capaz de construir seu próprio universo, a partir de um dado momento histórico e contexto social (Gelard, 2019, p. 26).

Compreender a infância como uma construção histórica nos permite refletir sobre seu conceito na atualidade. Hoje, ela é entendida como uma construção social, desenvolvida tanto no ambiente familiar quanto no escolar, onde o ato de cuidar, educar e brincar se articula de forma integrada. Como afirma Miléo (2023, p. 5) “a infância atualmente é vista como uma construção social, produzida não só em família, mas também através da escola que mantém seus objetivos alinhados ao processo do cuidar, educar e brincar [...]”.

Em suma, ao falar sobre infância, é essencial compreender que se trata de um conceito construído a partir de múltiplas influências. A família, a escola, a comunidade, os pais e outros atores sociais colaboram direta ou indiretamente para construir as vivências da infância. Esses diferentes contextos contribuem para formas diversas de refletir, experienciar e compreender o que é ser criança, promovendo uma construção social da infância que é, ao mesmo tempo, individual e coletiva.

Como mencionado anteriormente, a escola é um espaço fundamental no período da infância, sendo um direito da criança e uma etapa importante em seu processo de

desenvolvimento. Ao possibilitar novas vivências fora do círculo familiar, a escola contribui para o crescimento integral da criança. Nesse contexto, é necessário refletir sobre a educação infantil, que corresponde a primeira fase da Educação Básica, voltada para crianças de zero a cinco anos. É nesse momento que ocorre o primeiro contato com o ambiente escolar, onde os atos de educar e cuidar se articulam de forma integrada, complementando o papel da família e favorecendo o acesso ao conhecimento, à socialização e ao desenvolvimento pleno.

A principal finalidade da Educação Infantil é promover o desenvolvimento das dimensões emocional, física, motora, cognitiva e social das crianças. Para além disso, busca-se incentivar a curiosidade, a exploração, a experimentação e a construção de novas descobertas, respeitando o ritmo e as singularidades de cada criança.

Nesse sentido, a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a 5 anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade (Brasil, 2018, p. 14)

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, é fundamental que o profissional que atua nessa etapa compreenda a importância de integrar os atos de educar e cuidar. O ato de educar envolve a realização de atividades que estimulem o desenvolvimento integral da criança, possibilitando sua inserção social nos espaços em que circulam. Isso inclui criar oportunidades para que ela se comunique, expresse opiniões, participe ativamente de suas experiências e construa sua autonomia, sempre em um ambiente acolhedor e seguro. Já o cuidar trata-se do olhar às necessidades básicas da criança: higiene, saúde, alimentação, bem-estar. Cabe ao educador compreender como apoiar o outro em seu desenvolvimento, reconhecendo que o cuidado também é uma forma de educar.

Cuidar e educar implica reconhecer que o desenvolvimento, a construção dos saberes, a constituição do ser humano não ocorre em momentos e de maneira compartimentada. Portanto, na Educação Infantil, o ato de cuidar e educar são indissociáveis. Não tem como separar essas duas ações. O cuidar e o educar estão nas coisas mais simples da rotina pedagógica da Educação Infantil. (Jesus, 2015, p. 18)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) dispõe que a criança na Educação Infantil apresenta seis direitos no processo de aprendizagem e evolução contendo: Conviver - engloba o contato com outras crianças e adultos utilizando diferentes linguagens contribuindo para o conhecimento de si e do outro; Brincar - através de diferentes formas, com diferentes parceiros (crianças e adultos) ampliando conhecimento, criatividade entre outros aspectos; Participar - ativamente da gestão da escola seja na escolha de brincadeiras, ambiente, materiais entre outros;

Explorar - movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras e etc; Expressar - suas necessidades, descobertas, opiniões, sentimentos, duvidas e etc; Conhecer -se - construção da identidade pessoal, social e cultural (Brasil, 2017, p. 38)

Em suma, tanto a infância, hoje compreendida como uma construção social, quanto a Educação Infantil, reconhecida como a primeira etapa da Educação Básica, são direitos assegurados por lei, constituindo-se como essenciais para a formação integral da criança. É nesse contexto que o conhecimento se constrói e o desenvolvimento infantil é promovido, por meio de um processo que exige intencionalidade pedagógica e sensibilidade por parte do educador. Nesse sentido, a avaliação da aprendizagem na Educação Infantil assume um papel fundamental, pois permite ao professor acompanhar, de forma contínua e adequada, o percurso de aprendizagem das crianças, garantindo que seus direitos sejam cumpridos, suas potencialidades respeitadas, valorizadas e estimuladas.

2.1 CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

No contexto da Educação Infantil, a avaliação não deve ser entendida como um instrumento de classificação da criança, mas como parte integrante e orientadora do processo de ensino e aprendizagem. Ela se apresenta como uma prática contínua, formativa, reflexiva, que fornece subsídios importantes para o planejamento do educador e para a construção de estratégias que respeitem o tempo e as singularidades de cada criança. Avaliar, nessa perspectiva, é observar, registrar e interpretar os avanços e desafios no processo de aprendizagem. Para compreender melhor essa dimensão, é pertinente considerar a concepção de avaliação apresentada por Tenório *et al.* (2010, p. 7), que amplia a noção tradicional e enfatiza sua função orientadora e transformadora:

A avaliação é uma atividade que consiste no levantamento de informações fidedignas e precisas sobre um objeto ou processo, para subsidiar uma tomada de decisão com vistas à melhoria do objeto ou processo. Em outras palavras, a avaliação comporta três grandes momentos: o primeiro momento de diagnóstico, de busca de informações de qualidade, ou seja, fidedignas e precisas; o segundo momento de julgamento, de tomada de decisão, em que as informações previamente levantadas, organizadas e analisadas, servirão de subsídios e uma tomada de decisão com relação ao processo em avaliação; e, finalmente, faz parte ainda da avaliação, um terceiro momento, que é o uso dessa decisão no sentido da melhoria do processo. Assim, incorpora-se ao conceito de avaliação a própria finalidade da avaliação.

Esse conceito de avaliação se aplica a diversas áreas dos saberes, com destaque para o campo educacional, a avaliação da aprendizagem. Ao avaliar, o professor acompanha de forma

individualizada o percurso de cada criança, observando suas deficiências, avanços e necessidades. Esse acompanhamento permite que, ao identificar áreas de dificuldades, o educador possa ajustar sua metodologia e realizar intervenções pontuais, garantindo a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

No contexto escolar, Hoffmann (2012, p. 7) define avaliação como “acompanhar um percurso de vida de uma criança, durante o qual ocorrem mudanças em múltiplas dimensões, com a intenção de favorecer o máximo possível o seu desenvolvimento”. Essa concepção reforça que avaliar vai além de medir resultados: trata-se de observar continuamente o desenvolvimento da criança em suas diferentes dimensões, como a cognitiva, afetiva, social e psicomotora, reconhecendo em que fase ela se encontra. A partir disso, o professor pode registrar tanto os avanços quanto as dificuldades, com o objetivo principal de estimular o desenvolvimento integral de forma sensível, intencional e respeitosa.

É importante destacar que, historicamente, tem ocorrido nas salas de aula uma percepção equivocada em relação à avaliação, muitas vezes associada ou confundida com o ato de simplesmente de fazer exame ou testar a aprendizagem. No entanto, avaliação e exame não são sinônimos: enquanto o exame busca medir resultados em um momento específico, a avaliação envolve um processo contínuo de acompanhamento e reflexão sobre o desenvolvimento do aluno.

O ato de examinar está voltado para o passado, “ao examinador interessa apenas o desempenho presente do educando, como decorrente do que já aconteceu” (Luckesi, 1999, p. 182). Assim, o exame concentra-se no resultado imediato de uma atividade, teste ou prova, desconsiderando o processo de aprendizagem como um todo. Essa prática, geralmente traduzida em uma nota ou conceito, é pontual e excludente, pois ignora o percurso do aluno e desconsidera seu potencial de desenvolvimento. Em contrapartida, o ato de avaliar “está centrado no presente e voltado para o futuro” (Luckesi, 1999, p. 182), permitindo ao docente investigar o estágio atual de desenvolvimento da criança, identificar suas necessidades e potencialidades e, com base nisso, ajustar suas práticas pedagógicas para que a criança possa evoluir. Avaliar, portanto, implica acompanhar todo o percurso da aprendizagem — desde o início, quando o educador observa, identifica e compreende em que momento do desenvolvimento cada criança se encontra, até as etapas seguintes, nas quais se analisam os avanços e transformações alcançadas.

Após compreendermos essa distinção de exame e avaliação, é necessário mencionar duas modalidades da avaliação no contexto educacional: a avaliação diagnóstica e formativa. A avaliação diagnóstica é realizada no início de um ciclo ou atividade, com a finalidade de identificar os conhecimentos prévios, dificuldades e potencialidades dos alunos. Tais

informações contribuem para que o docente planeje intervenções pedagógicas. Já a avaliação formativa desempenha um papel essencial ao acompanhar, ao longo do tempo, o progresso do aluno, possibilitando ajustes contínuos nas práticas pedagógicas. Como afirma Rampazzo (2011, p. 6), essa avaliação “possibilita reformulações necessárias, a fim de assegurar o curso da aprendizagem do aluno”. Portanto, tanto a avaliação formativa quanto a diagnóstica são instrumentos valiosos para a promoção de uma aprendizagem significativa, pois permitem que o processo educacional seja orientado pelas reais necessidades dos estudantes, e não apenas pelos conteúdos previamente estabelecidos.

Após compreender o conceito de avaliação e reconhecer que se trata de um processo contínuo, torna-se essencial refletir sobre sua aplicação no cotidiano escolar. Em sala de aula, ela ocorre de maneira dinâmica e contextualizada, por meio da observação, do registro das diversas atividades desenvolvidas, entre outros. Mais do que atribuir notas, avaliar significa acompanhar o progresso dos alunos e adaptar as práticas pedagógicas conforme suas necessidades. Nesse sentido, é importante compreender os instrumentos de avaliação, que são os recursos utilizados para apoiar o ato de avaliar, tanto na Educação Infantil quanto nas demais etapas do ensino.

2.2 INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A qualidade e o rigor na construção dos instrumentos de avaliação são essenciais para garantir que o processo de avaliação seja eficaz, justo e significativo. Ao elaborá-los, é importante que o professor tenha clareza sobre os objetivos pedagógicos que deseja atingir, assegurando que os instrumentos consigam avaliar as habilidades e competências esperadas. Além disso, os instrumentos devem ser precisos, claros, contextualizados e adequados ao estágio de desenvolvimento da criança, evitando ambiguidades ou interpretações equivocadas. A qualidade no design e/ou formatação das atividades escritas também é importante.

A criança se comunica com o mundo por meio de diversas linguagens, como a escrita, a música, as brincadeiras, a movimentação corporal, as expressões emocionais, entre outras. Essas formas de expressão devem ser analisadas individualmente, considerando a convivência diária do professor com a criança. Diante disso, é essencial que o educador reconheça o valor dessas linguagens como instrumentos avaliativos, haja vista que todas as ações das crianças em sala de aula podem ser ferramentas de avaliação.

Os instrumentos de avaliação devem considerar os diversos aspectos do desenvolvimento infantil. Na esfera cognitiva, são analisadas as produções diárias escritas e

orais. Já na dimensão afetiva, observa-se a interação da criança com os colegas e professores, uma vez que a escola representa o primeiro contato da criança com um ambiente fora do círculo familiar, sendo fundamental para o desenvolvimento de suas habilidades sociais e emocionais. Por fim, no enfoque psicomotor, as brincadeiras, a movimentação corporal e as habilidades desenvolvidas em sala de aula devem ser observadas.

Dentre os instrumentos mais relevantes na Educação Infantil, destacam-se a técnica de observação, concretizada por meio de registros ou relatórios individuais, e o portfólio, que reúne produções das crianças ao longo do tempo. Esses instrumentos possibilitam ao professor compreender melhor o percurso de aprendizagem de cada aluno.

A observação do cotidiano é uma prática fundamental do professor em sala de aula, permitindo acompanhar de forma atenta e contínua as crianças. Trata-se de um instrumento que possibilita ao docente analisar comportamentos, interações, atitudes e produções das crianças, incluindo o que é registrado em seus cadernos. A rotina diária oferece uma rica variedade de situações que, quando observadas com atenção, são valiosas. Com base nessas informações, é possível tomar decisões pedagógicas mais precisas e propor intervenções adequadas, respeitando o ritmo e as singularidades de cada criança. “É interessante observar aspectos como: a chegada da criança escola – se está acompanhada ou não pela família; sua reação diante da presença de adultos e de outras crianças; suas atitudes ao brincar sozinha ou com os companheiros; por quais temas mais se interessa” (Faria *et al.*, 2014, p. 162). Mais do que observar essas situações pontuais, é necessário manter a atenção ao longo de todo o dia escolar, pois diversos momentos do cotidiano evidenciam os conhecimentos que a criança já possui e os que poderá alcançar, especialmente quando mediada por intervenções individuais e adequadas. Como destaca Hoffmann (2001, p.84) “perceber a criança como o centro da ação avaliativa consiste em observá-la curiosamente e refletir sobre o significado de cada momento de convivência com ela”.

Os registros de observação ficam mais “ricos com a participação das crianças” (Faria, *et al.*, 2014, p. 162). Em determinado momento, o educador pode compartilhar com ela tudo o que foi registrado ao longo do tempo, como seus avanços, produções e reflexões. Esse compartilhamento pode envolver a criança, por exemplo, ao permitir que ela insira um desenho ou outro elemento que a represente. Ao fazer isso, o docente não apenas valoriza a criança como protagonista de sua formação, mas também colabora para seu desenvolvimento.

Existem duas formas de observação, a observação sistemática é uma delas na qual é caracterizada por ser planejada e/ou estruturada, ou seja, antes de aplicada em sala o professor

planeja o que será observado. Já a observação assistemática é caracterizada por ser informal, não existe um roteiro a ser seguido.

Outro instrumento de avaliação utilizado se dá através da construção de portfólios, que permitem organizar as atividades realizadas em momentos distintos na escola.

Os portfólios podem ser individuais ou coletivos, neles são registradas as atividades e os trabalhos produzidos pelas crianças. São coleções de atividades produzidas em salas de aula e agrupadas em pastas de acordo com temas ou períodos previamente determinados. Para que esse registro seja significativo para as crianças é necessário que participem de todos os detalhes na construção do portfólio, o professor poderá envolvê-las na escolha do tema, dos materiais e permitir que participem ativamente na sua montagem. Nesse sentido o portfólio não é um produto final a ser avaliado, mas são nos momentos de sua construção que o professor aproveita para observar e avaliar seus alunos. (Souza *et al.*, 2014, p. 42).

Embora não exista um padrão rígido, é fundamental que o portfólio contenha informações pessoais do aluno, suas particularidades e desenvolvimento. Além disso, é importante registrar as diversas formas de linguagem utilizadas pela criança, como desenhos, falas, gestos, a escrita. Essas informações permitem ao docente ajustar os métodos de ensino, atendendo de maneira mais eficaz às necessidades individuais de cada aluno. O portfólio pode incluir fotos, objetos e outros registros que ilustram o percurso de aprendizagem. As falas da criança, por exemplo, podem ser transcritas diretamente, registrando o que a criança diz em momentos de interação. O acesso ao portfólio é de extrema importância, pois possibilita que as crianças acompanhem e reflitam sobre seu próprio desenvolvimento.

É fundamental que os instrumentos de avaliação sejam ajustados às necessidades e características de cada aluno, pois cada criança possui diferentes formas de aprender e se expressar. Isso significa que o professor deve utilizar instrumentos variados para avaliar habilidades distintas, adaptando-os de acordo com o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor de cada criança. Por exemplo, enquanto algumas habilidades podem ser melhor avaliadas por meio de atividades escritas ou orais, outras podem ser mais eficazmente observadas durante brincadeiras, interações sociais ou movimentos corporais. Esse ajuste permite uma avaliação mais justa e precisa, proporcionando uma visão completa do progresso do aluno, identificando suas potencialidades e as áreas que necessitam de intervenção.

3 METODOLOGIA

O estudo de natureza exploratória, teve como base a abordagem qualitativa de pesquisa, que segundo Proetti (2018, p. 1) “não visa à quantificação, mas sim ao direcionamento para o desenvolvimento de estudos que buscam respostas que possibilitam entender, descrever e interpretar fatos”.

A pesquisa foi realizada em duas escolas de Educação Infantil. Para garantir a confidencialidade dessas instituições, adotou-se a estratégia de codificação, sendo designadas de “E.A” e “E.B”. A escolha das mesmas ocorreu em função da proximidade geográfica, pois ambas estão situadas no centro da cidade.

A técnica escolhida para a coleta de dados foi o questionário, aplicado a cinco docentes que atuam nos Grupos III, IV e V. Duas delas são da Escola “A” e três da Escola “B”. A aplicação do instrumento, ocorrida no mês de abril de 2024, foi intermediada pelas gestoras das escolas.

É importante destacar que inicialmente estava previsto a realização de entrevistas. Todavia, as gestoras sinalizaram que não seria possível interromper as professoras durante o horário de aula. Em tentativas posteriores de agendar outro momento para as entrevistas, as docentes não apresentaram disponibilidade. Diante disso, o questionário se apresentou como a alternativa mais viável. No entanto, essa técnica resultou em respostas bem objetivas/resumidas, com poucas descrições.

O questionário foi composto por questões abertas e fechadas, a saber: "Para a senhora, o que é avaliação?"; "Quais os principais instrumentos avaliativos utilizados pela senhora?"; "Qual a importância dos instrumentos de avaliação mencionados?"; "Com que frequência e em quais momentos utiliza os instrumentos avaliativos?"; "Como escolhe os instrumentos de avaliação?"; "As crianças são avaliadas com os mesmos instrumentos?"; e, "Quais as principais dificuldades enfrentadas no processo avaliativo?".

Após a coleta de dados, iniciou-se a etapa de análise dos dados, com a organização e interpretação das respostas fornecidas pelas docentes, o que será apresentado no tópico a seguir.

4 OS RELATOS DAS DOCENTES

As instituições pesquisadas atendem exclusivamente a Educação Infantil. A Escola “A” trabalha com os Grupos IV e V, tendo aproximadamente 228 alunos matriculados. Já a Escola

“B” atua com os Grupos III, IV e V, com um total de 198 alunos. Ambas funcionam em período integral e estão localizadas na cidade de Santo Amaro da Purificação. As escolas acolhem, principalmente, estudantes provenientes de famílias de baixo nível socioeconômico. A tabela a seguir apresenta o perfil das educadoras, identificadas pela letra inicial da palavra docente, acompanhada de um numeral sendo: D1, D2, D3, D4 e D5.

Tabela 1 - Perfil das docentes

Identificação	Idade	Licenciatura em Pedagogia	Pós-Graduação	Tempo de docência	Tempo de docência na EI	Grupo de atuação	Regime de trabalho
D1-E.A	30 a 39 anos	Sim	Não	8 a 10 anos	2 a 4 anos	Grupo 5	Contrato
D2-E.A	30 a 39 anos	Sim	Não	Mais de 11 anos	2 a 4 anos	Grupo 4	Contrato
D3-E.B	40 a 49 anos	Sim	Não	8 a 10 anos	2 a 4 anos	Grupo 3	Contrato
D4-E.B	40 a 49 anos	Sim	Não	Mais de 11 anos	Mais de 11 anos	Grupo 4	Efetivo
D5-E.B	40 a 49 anos	Sim	Não	8 a 10 anos	5 a 7 anos	Grupo 5	Contrato

Fonte: pesquisa de campo.

Em relação a formação das docentes, observou-se que todas possuem Licenciatura em Pedagogia. Todavia, nenhuma delas fez Pós-Graduação. Acrescenta-se que apenas uma docente é concursada (D4), sendo que as demais atuam em regime de contrato.

No que se refere ao tempo de atuação como docente, as participantes têm mais de 8 anos de experiência. Na Educação Infantil, as participantes assinalaram que detém 2 anos ou mais de exercício profissional. Dessa forma, todas elas contam com um tempo razoável na área da educação, o que potencializa a qualidade da prática de ensino.

Dando continuidade à análise das informações, as respostas foram organizadas em três tópicos: Concepção e importância da avaliação da aprendizagem; A escolha dos instrumentos de avaliação; e, As dificuldades no processo de avaliação da aprendizagem.

4.1 CONCEPÇÃO E IMPORTANCIA DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A primeira questão do questionário indagou sobre como as docentes compreendem o que é avaliação da aprendizagem. Notou-se que as 5 (cinco) entendem que avaliação é uma

ferramenta importante para acompanhar os resultados do processo de ensino e aprendizagem. Sobre isso, destaca-se a fala da docente:

A avaliação da aprendizagem é um processo essencial na educação que envolve a coleta, interpretação e utilização de informações sobre o desempenho dos alunos para entender o quanto eles aprenderam, como estão progredindo e quais áreas podem precisar de mais atenção (D3, escola B)

A avaliação, segundo a docente D3, é uma prática essencial na educação, pois possibilita a verificação do alcance dos objetivos estabelecidos. Por meio desse processo, o professor pode coletar dados suficientes para identificar os avanços e as dificuldades de cada aluno, conforme destacado por Libâneo (1994, p. 209):

A avaliação do ensino e da aprendizagem deve ser vista como um processo sistemático e contínuo, no decurso do qual vão sendo obtidas informações e manifestações acerca do desenvolvimento das atividades docentes e discentes, atribuindo-lhes juízo de valor. Os resultados relativos que decorrem desse processo dizem respeito ao grau em que se atingem os objetivos e em que se cumprem exigências do domínio dos conteúdos, a partir de parâmetros de desempenho escolar.

Assim, a avaliação ajuda os professores a compreender melhor o desenvolvimento dos estudantes, identificando pontos fortes e áreas que precisam de maior atenção. Dessa forma, avaliação além de permitir o acompanhamento do desenvolvimento do estudante, contribui para o alcance de melhorias no processo de ensino e aprendizagem, como afirma a professora D4:

A avaliação da aprendizagem desempenha um papel crucial no processo educacional, pois permite aos professores e instituições de ensino identificar o progresso dos alunos, identificar suas dificuldades e necessidades de apoio, além de fornecer feedbacks para orientar o processo de ensino aprendizagem. (D4, Escola B)

Nessa direção, Darsie (1996, p. 48) afirma que “a avaliação torna-se a possibilidade de superação da própria ação e que, se permanente, provocará mudanças na ação educativa, rumo a efetivação de sua intencionalidade”.

4.2 A ESCOLHA DOS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

Quando questionadas sobre os instrumentos de avaliação utilizados, as 5 (cinco) docentes citaram o registro de observação. A observação é uma técnica avaliativa fundamental, pois permite perceber nuances no desenvolvimento das crianças, incluindo a interação entre os alunos e suas formas de expressão em diferentes contextos. A importância dessa técnica

avaliativa é destacada por Libâneo (2013) ao colocar que observar os alunos é uma estratégia fundamental para o professor, pois essa ação possibilita perceber as dificuldades e potencialidades do estudante.

Além da observação, uma docente mencionou que utiliza jogos e brincadeiras (D3) como método avaliativo. Outras três docentes indicaram o uso de portfólios (D3, D4, D5), que são úteis para documentar o progresso dos alunos. Por fim, uma docente destacou a avaliação das produções das crianças, como os desenhos (D5).

“Avaliação por meio de atividades práticas, Avaliação por meio de jogos e brincadeiras, Portfólios de aprendizagem (D3, escola B).

Os docentes podem incluir as brincadeiras no cotidiano escolar de diversas maneiras. Por exemplo, os jogos contribuem para a aprendizagem da matemática, incentivam a participação, ajudam as crianças na resolução de conflitos, bem como a expressar seus sentimentos. Os jogos, além de tornarem o aprendizado mais prazeroso, permitem que os educadores avaliem o desenvolvimento das crianças de forma lúdica. Dessa forma, a inclusão das brincadeiras no cotidiano escolar se torna uma estratégia valiosa para que os educadores possam transformar o ato de brincar em uma oportunidade rica de aprendizado e desenvolvimento, como afirma Bueno (2010, p. 10):

jogos, brinquedos e brincadeiras não são apenas um entretenimento, mas uma atividade que possibilita a aprendizagem de várias habilidades e, portanto, é com esse desenvolvimento prazeroso da criança que o educador deverá interagir com o lúdico, concretizando os jogos, brinquedos e brincadeiras não apenas como recursos pedagógicos decorrente dos diversos níveis do conhecimento.

O portfólio também foi citado como um instrumento valioso, pois permite uma avaliação contínua do desempenho escolar. Através dele, os educadores podem anexar as atividades realizadas pelas crianças, como os desenhos, inserir os registros de observação, entre outros. Essa ferramenta não apenas documenta o progresso individual dos alunos, mas também oferece uma visão abrangente de suas habilidades e interesses.

Além disso, o portfólio permite que as crianças revisitem e reflitam sobre seu próprio desenvolvimento; incentiva a autoavaliação, a autoria; permite que se sintam protagonistas de seus aprendizados ao escolher quais trabalhos incluir, como afirma Gaspar (2010, p. 83)

Normalmente, este instrumento de avaliação engloba os trabalhos realizados e os registros orais, ilustrados e escritos das crianças. Também pode conter uma seleção feita pela criança e pelo educador dos trabalhos, entre outros temas, conceitos e atividades. Ou seja, no portfólio é possível documentar, arquivar e guardar tudo o que

de mais importante as crianças fizeram, aprenderam a fazer, já podem fazer e já sabem fazer, de acordo com as suas idades, crescimento e desenvolvimento.

Outro aspecto importante do portfólio é o estímulo à comunicação entre escola e a família. Os educadores ao compartilhar o portfólio com os pais, possibilitam que os mesmos acompanhem o progresso dos filhos, criando vínculo mais forte e colaborativo com a escola.

A terceira questão averiguou acerca dos momentos/frequências em que as docentes utilizam os instrumentos avaliativos. Todas as docentes responderam que avaliam de forma continua, ou seja, diariamente.

“Em vários momentos: atividades, propostas, brincadeiras e interações das crianças no cotidiano. Ao longo de todo ano letivo”. (D5, ESCOLA 2)

Conforme já destacado neste texto, a avaliação em qualquer nível de ensino, especialmente na Educação Infantil, deve ser uma prática diária, ou seja, continua. Em vez de atividades grandes e esparsadas temporalmente, os docentes podem realizar atividades menores e constantes.

É importante reforçar que algumas questões foram respondidas de forma muito sucinta pelos participantes da pesquisa, o que dificultou a compreensão e reflexão das práticas das docentes, a exemplo dessa terceira questão.

A quarta questão questionou as professoras sobre como escolhem os instrumentos de avaliação da aprendizagem. Quatro docentes (D1, D3, D4 e D5) afirmaram que essa escolha é realizada em conjunto com a coordenação pedagógica e a equipe docente. Por outro lado, a professora D2 declarou que opta por selecionar os instrumentos de forma individual.

Toda a equipe escolar deve atuar de forma integrada para oferecer o melhor suporte aos alunos, sendo que a coordenação pedagógica deve dialogar e auxiliar os docentes nos processos avaliativos. Todavia, são os professores que escolhem os instrumentos, haja vista a maior convivência com os estudantes, de forma que podem identificar as especificidades e necessidade de cada criança. Acrescenta-se ainda que diante da diversidade da sala de aula, às vezes, é preciso utilizar estratégias avaliativas diferentes para investigar o alcance de um mesmo objetivo de ensino.

Pois é no dia a dia da sala de aula que é possível perceber qual o instrumento deve ser utilizado, por que inicialmente pode ser escolhido algo que na primeira impressão demonstre ser suficiente mais somente a convivência em sala poderá fornecer essa confirmação e caso o instrumento selecionado não seja o adequado caberá a docente averiguar outro que se encaixe melhor com a situação vivenciada por ela e o aluno no cotidiano. (D2, Escola 1)

Refletir sobre a escolha dos instrumentos de avaliação, nos incita a pensar que essa atividade na Educação Infantil deve ser uma ferramenta que valorize o potencial, a criatividade e o desenvolvimento integral das crianças. Assim, a decisão do professor deve ser consciente e alinhada com uma prática pedagógica que priorize o bem-estar e o crescimento de cada estudante.

4.2.1 Se as crianças são avaliadas com os mesmos instrumentos

A quinta pergunta visava descobrir se todas as crianças são avaliadas da mesma forma, onde a D1 respondeu que sempre utiliza os mesmos instrumentos e as outras 4 docentes explicaram que utilizam ferramentas diferentes, haja vista que cada criança possui seu próprio ritmo.

Nem todas as crianças são avaliadas da mesma maneira, pois cada uma possui seu próprio ritmo de desenvolvimento, interesses e estilos de aprendizagem. Por exemplo, enquanto algumas crianças podem se sair bem em atividades de linguagem e comunicação verbal, outras podem preferir atividades práticas e manipulativas. (D3, Escola 2)

Os instrumentos são aplicados através do desenvolvimento e evolução das crianças. Respeitando-se o tempo de cada uma, nem todas aprendem igual. Portanto são avaliados de maneira distinta, de acordo a sua necessidade, particularidade e propostas das atividades realizadas. (D5, Escola 2)

Em consonância com o que respondeu a maioria das docentes, Jussara Hoffman (1996, p. 2) aponta que:

Decorrente da dinâmica do desenvolvimento infantil, a ação educativa, em termos do planejamento e das metodologias, pode ser apropriada para uma criança e para outra não, uma vez que os tempos de aprendizagem ocorrem em sequências diferentes, não havendo parâmetros homogêneos para se definir o “adequado” desenvolvimento infantil.

É fundamental que, antes de avaliar, o professor adote um olhar atento às particularidades e as necessidades de cada criança. Ao observar cuidadosamente cada uma delas, o educador pode identificar quais metodologias e recursos estão funcionando e quais precisam ser ajustados. Dessa forma, é possível criar estratégias que auxiliem cada aluno em seu percurso, respeitando seu ritmo de aprendizagem.

4.3 AS DIFICULDADES NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Outra questão que fez parte do questionário foi sobre as dificuldades que as docentes encontravam no processo de avaliação. Diversas experiências foram apresentadas, refletindo os desafios enfrentados cotidianamente. A docente D1 expressou a dificuldade de avaliar turmas cheias. Por sua vez, as docentes D2 e D5 mencionaram a ausência constante de alguns alunos nas aulas, o que dificulta o acompanhamento do desenvolvimento de cada uma delas.

Avaliar em turmas cheias (D1, Escola 1)

Quando o aluno que necessita de um olhar norteador e fica muito tempo ausente da escola, a maior dificuldade é não tê-lo como ajudar, se não temos apoio familiar. (D2, Escola 1)

Em função das condições de infraestrutura ou ainda do número de profissionais disponíveis para atuar na escola, pode ocorrer a superlotação das salas, o que prejudica o aprendizado, uma vez que o docente não terá condições de acompanhar individualmente às necessidades de cada criança. Como resultado, alguns podem se desenvolver mais rapidamente, haja vista a possibilidade de uma participação mais ativa da família, enquanto outros, que não possuem o mesmo acompanhamento, ficam em situação de desvantagem.

Além disso, um ambiente superlotado pode impedir a participação dos alunos durante as atividades, reduzindo as oportunidades de colaboração e aprendizado social. Essa dinâmica, portanto, não só afeta o desempenho acadêmico, mas também prejudica o desenvolvimento de habilidades interpessoais da criança.

O segundo problema relatado é baixa frequência dos alunos em sala de aula. Segundo Moura *et al.* (2023, p. 243) “o cotidiano sobrecarregado resulta em falta de tempo, segundo as famílias, para o acompanhamento da educação dos filhos, sendo a principal justificativa para ausência na escola”. Essa realidade reflete um cenário em que muitos pais e responsáveis enfrentam rotinas intensas, repletas de compromissos profissionais e pessoais, o que dificulta o acompanhamento da rotina escolar das crianças. Além disso, crianças pequenas frequentemente apresentam doenças como resfriados, gripes ou outros problemas de saúde que exigem repouso, levando as faltas frequentes. A dificuldade de acesso serviços de saúde também pode atrasar tratamentos ou impedir que as crianças estejam sempre aptas a participar das atividades escolares. Por outro lado, muitas famílias enfrentam dificuldades econômicas que dificultam o transporte até a escola, bem como a aquisição de materiais, e outros recursos essenciais.

Dessa forma, a ausência frequente na escola pode comprometer o rendimento escolar dos alunos. Aqueles que faltam às aulas perdem não apenas os conteúdos trabalhados, mas também a oportunidade de relacionar com os colegas e de envolver nas atividades que favorecem o aprendizado.

Além disso, a docente D3 relatou que enfrenta a dificuldade de “distinguir entre comportamentos esperados para a idade e aqueles que podem indicar que a criança ainda não alcançou seu pleno desenvolvimento”. Essa questão é essencial para pensarmos o desenvolvimento infantil, pois questiona a ideia de um "padrão normal" de comportamento e aprendizagem. Autores como Jean Piaget (1952) discutiram bastante esse tema, frequentemente contestando essa padronização. Diversas áreas do conhecimento, como a psicologia do desenvolvimento, a sociologia da infância e a antropologia contribuem para esse debate, enriquecendo nossa compreensão sobre as diferentes formas de crescimento e aprendizagem das crianças. Essas áreas mostram que o desenvolvimento infantil não pode ser avaliado por uma única medida que estipula normas rígidas. Em vez disso, é essencial reconhecer a diversidade dos contextos em que as crianças estão inseridas, cada um influenciando de maneira significativa nos seus aprendizados. Essa condição coloca a formação contínua e o suporte aos educadores como uma prioridade, permitindo-lhes adotar abordagens mais flexíveis e inclusivas que atendam às necessidades individuais de suas turmas. Sobre isso, destaca-se que:

[...] não existe norma padrão a ser obedecida, o conceito de uma “criança com padrão normal”, ideia há tempos criticada pela psicologia do desenvolvimento, pela sociologia da infância, pela antropologia. Não há um parâmetro de regularidade para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, pois há, ao invés disto, uma dependência forte em relação aos diferentes contextos dos quais participam e nos quais desfrutam vivências culturais diversificadas. (Brasil, 2015, p. 39)

Outro problema vivenciado pelas docentes D3 e D4 é encontrar instrumentos de avaliação adequados e sensíveis ao contexto da Educação Infantil ou para as especificidades da criança:

As variadas formas de aprendizagem pois cada criança tem seu próprio estilo de aprendizagem único, o que pode tornar desafiador encontrar métodos de avaliação que sejam adequados para eles. Alguns podem aprender melhor por meio de atividades práticas, enquanto outros preferem a exploração livre e independente. (D4, Escola 2)

A dificuldade trazida pelas docentes é pertinente e reflete o cuidado que necessitam ter com as crianças na escolha de um instrumento de avaliação. Conhecer a criança, entender as

suas especificidades e necessidades é uma ação primordial para uma prática avaliativa de qualidade. Sobre isso, Brasil (2015, p. 36) acrescenta que:

Um bom instrumento de avaliação delinea, de fato, um objeto a ser avaliado, determina quais informações serão coletadas, declaradas, para cada aspecto; define critérios a serem avaliados e uma qualidade ideal, realizável. Além de orientar, informar sobre uma ideia de boa Educação Infantil, o instrumento se articula a opções curriculares, assim como, a escolhas acerca de práticas educativas para e com as crianças.

Além dos desafios mencionados, a docente D3 relatou a dificuldade em manter registros abrangentes e precisos, haja vista o ambiente agitado e dinâmico da sala de aula com crianças. Esse ambiente é marcado por uma série de interações, movimentações, interações entre os alunos, e a diversidade nos estilos de aprendizagem.

No cenário descrito, é importante destacar que, mesmo em ambientes bastante movimentados, o professor pode adotar estratégias para registrar as informações. Por exemplo, ele pode usar recursos tecnológicos, como aplicativos de anotação que facilitam a captura rápida de dados sem precisar interromper o fluxo da aula. Além disso, estabelecer rotinas de registro, ou seja, momentos específicos para as anotações, como o recreio ou logo após a aula, quando ainda é fácil recuperar a memória. O professor pode também contar com o apoio do auxiliar de classe, dividindo as tarefas de observação e registro, o que torna o processo mais fácil.

Outra dificuldade pontuada pelas docentes D3 e D5 é a ausência familiar na vida escolar das crianças. Essa situação é muito comum e discutida na escola, pois muitos pais, em decorrência das responsabilidades diárias, acabam não participando, o que impacta no desempenho estudantil. De forma complementar Ferreira (2017, p. 6) destaca que “os pais estão cada dia mais ocupados com seus afazeres profissionais e esquecendo de dar atenção às necessidades acadêmicas de seus filhos. Muitos pais não estão participando da vida escolar de seus filhos, e com isto esses alunos estão deixando muito a desejar no seu desempenho escolar.” Para além disso, é importante lembrar também a relevância da conscientização e mobilização das famílias, pois, muitas das vezes, os mesmos não compreendem a importância do acompanhamento das atividades escolares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização de um questionário, ao invés de uma entrevista, foi uma das dificuldades enfrentadas na pesquisa. O formato do questionário limitou a possibilidade de aprofundamento das respostas das educadoras, que na maior parte das vezes, se colocaram de forma objetiva e/ou curta.

As educadoras revelaram que reconhecem a importância da avaliação da aprendizagem na Educação Infantil, compreendendo a mesma como uma atividade que objetiva diagnosticar os alcances e as dificuldades dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem. Para as docentes, a avaliação é uma prática contínua que subsidia o planejamento, sendo que a mesma não tem fins classificatórios ou seletivos.

Em relação aos instrumentos avaliativos, observou-se que as professoras diversificam utilizando diferentes estratégias, como jogos, as produções das crianças, a exemplo dos desenhos, portfólios e especialmente os registros de observação. Acrescentaram também que adequam os instrumentos em conformidades com as necessidades das crianças. Dessa forma, para verificar o alcance de determinado objetivo de aprendizagem, os estudantes são avaliados a partir de ferramentas distintas. Destaca-se que infelizmente, as participantes da pesquisa não detalharam como ocorre a utilização desses instrumentos.

As educadoras também relataram que desenvolvem uma prática avaliativa diagnóstica e formativa, ou seja, elas acompanham diariamente o desenvolvimento de suas crianças. No planejamento da avaliação, quatro das cinco docentes expuseram que as decisões ocorrem de forma coletiva, com o apoio da gestão escolar.

Os dados também revelaram que as docentes lidam com diferentes desafios no processo avaliativo, como: **1.** a escolha de instrumentos de avaliação adequados e sensíveis ao contexto da Educação Infantil ou para as especificidades das crianças; **2.** A superlotação das salas, o que dificulta o acompanhamento individualizado; **3.** o número significativo de faltas de algumas crianças, o que impede uma avaliação contínua; **4.** o ambiente agitado da sala de aula com crianças; **5.** O pouco envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos.

Reconhecemos que a resolução de parte desses problemas não depende apenas dos docentes, a exemplo das salas superlotadas. Entretanto, é possível criar estratégias que estimule uma maior participação das famílias, como a organização de eventos formativos, construção de plataformas digitais de comunicação, boletins informativos, entre outros. Outra ação necessária é o investimento em formação continuada. Lidar com as dificuldades de escolher instrumentos que sejam adequados às crianças, requer a prática, bem como a formação no campo da

avaliação. Sobre isso, Chimentão (2009, p. 3) enfatiza que “a formação continuada de professores tem sido entendida como um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade profissional, realizado após a formação inicial”.

Conclui-se que, apesar das dificuldades encontradas pelas docentes, as mesmas entendem que a prática avaliativa pautada na diversificação de instrumentos é fundamental para o alcance dos objetivos da Educação Infantil. Todavia, para que essas ferramentas cumpram seu papel, é essencial que os resultados gerados por elas sejam usados para refletir, planejar e reajustar as práticas de ensino. Além disso, destaca-se que é necessário a ampliação do diálogo entre docentes e gestores sobre suas práticas e experiências, de forma que seja possível a consolidação de uma avaliação mais reflexiva, sensível e comprometida com o desenvolvimento integral das crianças. Dessa forma, reforça-se que a avaliação deve ser uma prática que considera a singularidade de cada estudante e que contribua para um processo educativo mais justo e inclusivo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em <https://books.scielo.org/id/h8pyf>. Acesso em: 25 maio 2025.

BUENO, Elizangela. **Jogos e brincadeiras na educação infantil: ensinando de forma lúdica**. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010.

BRASIL. **Contribuições para a Política Nacional: a avaliação em educação infantil a partir da avaliação de contexto**. 2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei nº. 9.394. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Guia para orientar ações intersetoriais na primeira infância/ Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

CHIMENTÃO, Lilian Kemmer. O significado da formação continuada docente. **4º CONPEE - Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar**. Universidade Estadual de Londrina, 2009. p. 1-6.

DARSIE, Marta Maria Pontin. Avaliação e aprendizagem. **Cadernos de pesquisa**, n. 99, p. 47-59, 1996.

MILÉO, Irlanda do Socorro de Oliveira. O problema da superlotação e suas implicações nas aprendizagens das crianças na Educação Infantil no município de Porto de Moz-PA. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 8, p. e15765-e15765, 2023.

FARIA, Ana Paula; BESSELER, Lais Helena. A avaliação na educação infantil: fundamentos, instrumentos e práticas pedagógicas. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 25, n. 3, p. 155-169, 2014.

FERREIRA, Aurélio. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Régis Ltda, 2004.

FERREIRA, Halder Brunner Nunes. A ausência dos pais na escola e a necessidade desta participação no contexto escolar. **Intercursos Revista Científica**, v. 16, n. 1, 2017.

GASPAR, Daniela Mafalda Pires. **Avaliação das crianças na educação pré-escolar: uso do portfólio como instrumento de avaliação**. 2010. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho (Portugal).

GELARD, Fabiana Pedreira. “**Ser criança é ser quilombola**”: infâncias no território do Quilombo Monte Recôncavo (Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Pedagogia, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), São Francisco do Conde – BA, 2019.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação e educação infantil: Um olhar sensível e reflexivo sobre a criança** - Porto Alegre; Mediação, 2012.

HOFFMANN, Jussara Maria. **Avaliação formativa ou avaliação mediadora**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2001

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio numa perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

JESUS, Andréia Ponciana. **Cuidar e educar na educação infantil: um olhar de assistentes e professores de crianças pequenas**. (Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de licenciatura em Pedagogia, Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra), Serra, 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

LUCKESI, Cipriano Carlos **Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico**. São Paulo: Cortez, 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MOURA, Allécia Michelly Alencar; DE FRANÇA, Aurênia Pereira. Os Desafios de Atuação Enfrentados pelo Professor dos Anos Iniciais, ante as Dificuldades de Aprendizagens. Id on line. **Revista de Psicologia**, v 17, n.69, p. 236-246, dez, 2023.

PROETTI, Sidney. As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: Um estudo comparativo e objetivo. **Revista Lumen**, v. 2, n. 4, 2018.

RAMPAZZO, Sandra Regina dos Reis. **Instrumentos de avaliação**: reflexões e possibilidades de uso no processo de ensino e aprendizagem. Londrina. Produção Didático-Pedagógica apresentada ao Programa de Desenvolvimento Educacional. NRE, 2011.

SOUZA, Francimeire Luiz Aparico; SIQUEIRA, Patrycia Aparecida Fernandes; Rosane CARNEIRO, Patrícia da Silva. **Os instrumentos de avaliação na educação infantil**. (Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de licenciatura em Pedagogia, Faculdade MULTIVIX), Serra, 2014.

TENÓRIO, Robinson Moreira; LOPES, Uaçai Magalhães. **Avaliação e gestão**: teorias e práticas. Salvador: EDUFBA, 2010.